

QUESTÕES SOBRE O CORPO E A MODA: REFLEXÕES E INTERCESSÕES COM A PSICANÁLISE E A PSICOLOGIA

Luiz Henrique Costa de Figueiredo¹

Antônio Alexandre Iorio Ferreira²

RESUMO

O corpo expressa-se de maneiras múltiplas e multifacetadas. Compreender as formas de como a identidade e os processos psíquicos se manifestam na vivência humana é de expoente relevância para compreendermos melhor como se dá as dinâmicas sociais, partindo desta compreensão, o presente trabalho visa discutir as maneiras que o corpo manifesta-se por meio do estudo da moda, refletindo sobre a literatura temática disponível e nas relações com a psicanálise. Observamos que a roupa é um indicativo dos processos narcísicos, onde o indivíduo busca capturar o olhar do outro para constituir-se identitariamente.

Palavras-chave: Corpo, Moda, Narcisismo, Pulsão, Psicanálise.

¹ Acadêmico de psicologia pelo Centro Universitário Sete de Setembro. Contato: lhcf.figueiredo@gmail.com

² Professor doutor no Centro Universitário Sete de Setembro. Contato: alexandreiorio@fa7.edu.br

Compreender a dinâmica pela qual o corpo manifesta-se por meio da moda demanda o trabalho de observar a maneira de como o corpo é considerado e compreendido pela sociedade de determinada época. Para tal, recorreremos à construção histórica da vivência do corpo, partindo do fim da Europa feudal e o surgimento de uma nova classe social, a burguesia, e o surgimento do mercantilismo, ponto onde a moda começa a instituir-se (PONTES,s.d.).

No feudo, a vida do indivíduo nunca constituía-se dentro de cômodos ou lugares particulares. Aventuravam-se em grupos e as viagens eram feitas no mínimo em duplas. Sendo assim, a vida feudal constitui-se basicamente pela estrutura familiar, que se amplia e abrange também as relações na sociedade seguindo as mesmas regras (ARIÉS & DUBY,1990). No campo das roupas, o indivíduo era restrito a usar a peça que as pessoas que exerciam a sua mesma função usavam, estando todas ligadas pelo mesmo modelo e material. Com o alargar do comercio o sujeito passa a ter a possibilidade de usar a roupa e o adereço que mais lhe agradasse, assumindo uma posição mais critica frente às relações sociais.(ALMEIDA, SILVA e SANTOS, 2007, p.4)

Com o surgimento da moda, a partir de um vestuário diferenciado, o sujeito pôde ter a liberdade de escolha, por aquilo que o agrada, podendo agora ter um posicionamento crítico com relação a ele e ao outro. (ALMEIDA, SILVA e SANTOS, 2007, p.4)

Observamos que o corpo segue uma moral que colabora para a manutenção do estado de compreensão da vida pública e social, alinhando-se à maneira de como estas devem ser manifestadas. Este corpo era alvo de uma moral que levava a uma prática. Entre os fatores que colaboravam para a manutenção da maneira de como deveriam se vestir, A visão religiosa apresenta-se na esfera da vida, pregando que o corpo é o “templo do espirito santo e ressuscitará” (ARIÉS & DUBY,1990), por esse motivo, deve ser preservado, mantendo o cuidado com suas vivencias e a negando grandes luxos.

Para a manutenção deste modo de vida, surge o conceito de pudor. Dentro da moda, podemos notar a tendência de vestir-se com a finalidade de cobrir as partes “pudendas”, a sexualidade não devia ser manifestada. O banheiro populariza-se a partir do ano de 1880, ver-se tornou-se um movimento de progressiva libertação do ser.(ARIÉS e DUBY, 1990, p.283)

Esta crescente popularização do particular nos revela a passagem da percepção do corpo saindo da visão do outro e partindo para a visão pessoal. Para isso, a roupa constitui-se

uma tentativa também de formatação da sociedade. Coloca-se como uma marca da posição social e do local que o indivíduo deveria ocupar. Sendo assim:

O vestuário é uma das marcas essenciais da convivência social, tanto que o hábito das assembleias e das procissões destina a cada parte do povo seu papel e seu lugar, localizável pela forma e pela cor. Em consequência, o vestuário é a aposta de um surdo conflito entre a ordem política e o movimento econômico; é o objeto de uma regulamentação que, em nome do ‘bem comum’, tende a refrear todas as manifestações da arrogância dos particulares[...] (ARIÉS & DUBY, 1990, P.561)

Era por meio dos símbolos e cores presentes nas roupas, que o sujeito era dividido em famílias e grupos. (ARIÉS & DUBY, 1990, p.285) a nudez apenas aparece no período da renascença, no século XV. O corpo feminino associado ao que impuro e o masculino associado ao que está louco ou destituído da sanidade. As pinturas do nu relacionavam com a ambiguidade religiosa que permeava a visão de Adão glorificado e a nudez de um Jesus martirizado, como justificativa para mantê-lo em seus quartos. Dentro do movimento de surgimento do que chamamos de moda, o corpo era diminuído em relação à alma. Sobre a época, comenta-se:

No início do movimento da moda, encontramos também a irrelevância do corpo, impulsionada pela crença de que o corpo é guiado por Deus e que tudo que ocorre ao corpo deve ser para a manutenção da manifestação de características que possam ser depositárias deste Deus. A partir desta visão, verificamos que o foco da atenção e da representação imagética está nas roupas e não no corpo, que é depositário das virtudes e boas maneiras. Com o decorrer das épocas, a concepção do corpo muda, e chegamos na contemporaneidade onde a noção de que a roupa é evidência e que o corpo é apenas a imagem de um estilo de vida libertário. (FIGUEIREDO & MIRANDA, 2017, P.27)

Encontramos no contexto de descobrimento do Brasil e no primeiro século após o descobrimento lampejos da relação entre o corpo e as vestes na relação entre portugueses e “índios”. A moral do período fixava-se no pertencimento a determinados grupos e faziam com que as práticas fossem internalizadas como forma natural de viver. A palavra de ordem ainda permanecia na noção de pudor. O nu era condenado e os nativos deveriam ser vestidos para que não usassem as armas de sedução oriundas desta forma de viver, sem cobrir (DEL PRIORE, 2014, p.20).

O corpo não erotizado era fonte de expressão da imagem da mulher que era preparada para a maternidade. A primazia de partes do corpo não era considerada, pois estas eram apenas um caminho para a realização da vontade de Deus. Neste sentido:

Os seios jamais eram vistos como sensuais, mas como instrumentos de trabalho de um sexo que devia recolher-se ao pudor e à maternidade. O colo alvo, o pescoço como “torre de marfim” cantado pelos poetas, pouco a pouco começa a cobrir-se. (PRIORE,2014,P.18)

Chegando ao século XIX, o cenário muda. Dá-se a construção mais densa do conceito de particularidade. Nesse momento aparece nos costumes os hábitos de higiene, cuidar do corpo torna-se relevante. A popularização do espelho nas casas, acessório que surge no século XVI, traz uma nova realidade para a vivência da identidade do sujeito. Passa-se a ver o próprio corpo no banheiro, a contemplação sobre este não passa mais pelo olhar do outro.

O banheiro aparece entre a burguesia por volta de 1880: é o local mais secreto da casa, onde a pessoa, liberta de seus corretivos (cinta, espartilho, peruca, dentadura, etc.), finalmente pode se ver, não em sua aparência social, mas totalmente despida.[...] Parafraçando Freud, pode-se, então, falar em um estágio “histórico” do espelho, recente para o conjunto da população. Assim, a pessoa deixa de perceber sua identidade física no olhar do outro e passa a contemplá-la no espelho grande do banheiro. (ARIÊS e DUBY,2009,p.283)

A contemplação do corpo desnudo e livre de suas “amarras sociais” faz com que uma nova estética seja criada. Acompanhando o movimento natural da moda, a nova aparência que o corpo deveria assumir começa a apresentar-se primeiramente na camada mais elevada da sociedade. Um trabalho de corpo é feito pela burguesia e passa então a aparecer a imagem da mulher magra como aquela que é bela.(Ariês, 2009, p.284)

Vincula-se a esta imagem a necessidade do exercício físico e dos esportes, fonte de saúde e de manutenção do corpo desejado. A gordura torna-se vulgar. A mídia transmite a imagem da beleza que deve ser alcançada, e todo e qualquer indivíduo que esteja fora deste padrão, deve-se cobrir. Por esta razão, percebemos a influencia da mídia na formação de uma nova forma de compreender o que é belo, pois:

O esporte desempenha um papel não desprezível na manutenção da ordem social. Tal ou qual partida de futebol entre times da segunda divisão, transmitida pela televisão, obtém um índice de audiência superior aos das personalidades políticas em maior evidencia. Seja tênis, boxe ou futebol, os meios de comunicação se apoderam deles e sugerem que é possível uma ascensão social por meio dos

esportes. Essa tarefa de persuasão não transmite uma ilusão (pois isso pode acontecer), mas mostra uma exceção. (ARIËS e DUBY, 2009, p.286)

Esta concepção da prática do corpo bonito e a exigência de um estilo de vida belo nos remonta à ideia de Foucault (1984) sobre a formação de uma nova concepção de saúde com base na medicalização da família e das relações entre as diversas camadas da sociedade na passagem do século XVIII para o séc. XIX.

A transformação da maneira como a mulher veste-se e a utilidade das roupas dentro do contexto social moderno perpassa o privilégio da família como unidade básica da família, alvo de procedimentos médicos que objetivavam o controle dos corpos por meio da unidade familiar medicalizada e medicalizante. Forma-se então a ideia de infância, a criança que estava na senzala, sendo educada por uma ama, passa agora a ser colocado no convívio familiar, passando a ser alvo do cuidado dos pais. Esta nova relação com o que é da criança transforma as relações entre os personagens que compõem o círculo familiar, a mulher torna-se “MÃE”, função social que obriga esta a cuidar corpo a corpo (FOUCAULT, 1984, p.304).

São codificadas, então, segundo novas regras- e bem precisas- as relações entre pais e filhos. São certamente mantidas, e com poucas alterações, as relações de submissão e o sistema de signos que elas exigem, mas elas devem estar regidas, doravante, por todo um conjunto de obrigações que se impõe tanto aos pais quanto aos filhos: obrigações de ordem física(cuidados, contatos, higiene, limpeza, proximidade atenta); amamentação das crianças pelas mães; preocupação com um vestuário sadio; exercícios físicos para assegurar o bom desenvolvimento do organismo: corpo a corpo permanente e coercitivo entre os adultos e as crianças.(FOUCAULT,1984,p.305)

Para finalizarmos esta linha histórica percorrida sobre os costumes e as maneiras de como as relações de moda e sociedade cristalizam-se nas roupas, falamos sobre outro aspecto que insere-se no modismo da vida cotidiana do ser, o comer também enquadra-se na questão da moda por dois motivos:

1)O comer tornou-se indicador da divisão social, atuando, assim como a roupa, nos costumes e maneiras de como as pessoas se relacionam. Cria grupos que frequentam determinados lugares, comem determinados tipos de alimentos e seguem as dietas que são colocadas dentro do costume proposto pelas classes superiores.

2)A maneira de relacionar-se com a comida relaciona-se diretamente com a maneira de como o sujeito vivencia seu corpo, e todas as colocações de domínio.

Sendo assim, este aspecto da vivencia- que deveria ser encarada como uma necessidade básica- nos mostra que o que comemos ou não vincula-se ao imaginário popular sobre o posicionamento do corpo. A noção de promover saúde e consumo de alimentos selecionados e de alto custo indica a existência de uma noção de colocação do sujeito dentro de um padrão, uma norma, que se adapta às suas condições socioeconômicas. Por isso:

Pode-se estabelecer uma oposição entre a comida “burguesa”(certas carnes, peixe, queijo, legumes e frutas frescas) e a comida “popular”(porco, batata, massas, pão, margarina),”o que faz justiça aos lugares comuns sobre o nivelamento dos consumos alimentares”[...] A sociedade francesa se mantém rigorosamente hierarquizada, e, se *os comedores e batatas* já não são aqueles pintados por Van Gogh, mesmo assim continuam a ocupar a base da pirâmide, tendo pequena probabilidade, sejam eles ou seus filhos, de escalar seus vários degraus.(ARIËS e DUBY, 2009,p.292)

CORPO E MODA COMO ASPECTOS PSICOLÓGICOS

Na teoria psicanalítica, encontramos diversas relações entre as formas de direcionamento da energia sexual e as maneiras de como o ser humano vivência o corpo. Dentro destas formas, a que iremos nos deter é o narcisismo. Este conceito é de grande relevância para entendermos como se forma a identidade do indivíduo e as relações objetais advindas do deslocamento destes impulsos. Aplicando ao campo da moda, este termo insere-se na discussão explicando de forma satisfatória a dinâmica pela qual o olhar do outro é capturado e age diretamente na constituição da identidade do ser.

Este termo é abordado por Freud no ano de 1914 no texto “Introdução ao narcisismo”, onde o autor traz as considerações retiradas através do estudo do comportamento dos esquizofrênicos. (FREUD,1914,p.15).

O autor mostra que nos anos iniciais do desenvolvimento infantil, a libido está concentrada no corpo, sendo a maneira pela qual o ser consegue interpretar o mundo, por meio do denominado narcisismo primário. Sendo assim, o narcisismo é parte formadora do indivíduo na sua constituição identitária. É por meio deste processo que podemos perceber e nos relacionarmos com o mundo de maneira mais eficaz e de melhor maneira.(FREUD, 1914, p.47) Os deslocamentos da energia sexual e das pulsões no decorrer da vida constituem a necessidade de ser olhado e de relacionar-se com outros indivíduos com a finalidade de formar a visão própria do corpo, estando nestas relações a gênese psicológica do processo que chamamos de moda

Encontramos em Jacques Lacan (1949), referindo-se a vida psíquica das crianças de 6 meses de idade, referências ao “estádio do espelho”. Nesse período, a criança, torna-se alvo do olhar desejante do outro. O *ifans*, destituído de uma forma completa, é atravessado pela linguagem e pelo olhar da mãe. Este transpassar organiza o sujeito e faz com que este se veja como um ser dotado de corpo uniforme e assume a identidade formada a partir do olhar do outro, tornando-se “o desejo do desejo do outro” (LACAN,1949, p.992). Esta dinâmica de compreensão insere-se na moda ao trazer a tona a razão pela qual necessitamos ser olhados.

O sujeito organiza-se como um ser e assume um corpo a partir da maneira de como o outro lança o olhar sobre este. Este olhar, semelhante ao da mãe, possibilita ao indivíduo relacionar-se com o ambiente por meio da formação do “Eu-Ideal” e apreciação da identidade (LACAN,1949). Quanto a isso afirma-se:

A função do estágio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função do imago, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade- ou, como se costuma dizer, do *innenwelt* com o *umwelt*.(LACAN, 1949,p.1000)

Partindo então da resolução do Estádio do Espelho, o desejo do indivíduo passa a priorizar e mediatizar o seu desejo em relação ao outro. Passa-se para a vivência das relações sociais mais elaboradas e para a noção de que qualquer instinto direcionado ao *eu* oferece perigo, mesmo que este exprima uma necessidade de maturação. (LACAN,1949)

Ocorre, porém, em alguns casos, o retorno da libido ao indivíduo, por meio do represamento desta. Porém, é necessário compreender que o represamento desta energia causa sofrimento ao indivíduo. A libido deve ser direcionada a um objeto para evitar seu acúmulo e provocar adoecimento. Com a roupa, o retorno da libido ao Eu se manifesta com a grande valorização das peças, como se estas fossem partes do corpo. Neste processo, voltamos a observar a função das peças como a de capturar o olhar, para a partir deste olhar subjetivar-se e constituir o ser. Por isso, consideramos que:

[...]A partir disso ousaremos abordar esta outra questão: de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos? A resposta derivada do nosso curso de pensamento seria, mais uma vez, que tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar.(FREUD, 1914,p.29)

Podemos perceber o direcionamento da libido por meio das pulsões e instintos. a forma narcísica de lidar com a roupa deriva da necessidade do sujeito de satisfazer-se, revela-se na busca do Eu pelo Outro para a satisfação dos desejos que são expressos. A moda é o indicativo da busca do ser de incorporar outros modos de viver, para assemelhar-se a estes e constituir a sua maneira de viver.

A RELAÇÃO DA MÍDIA NA FORMAÇÃO DA MODA E DO NARCISISMO

Na contemporaneidade, a mídia apresenta-se como meio que aproxima várias realidades e modos de subjetivação diferentes. Este contato promove uma relação paradoxal, onde ao mesmo tempo em que a globalização promove as identidades, esta também coloca ao indivíduo uma personalidade padrão. (LINS, 2002, p.20)

Podemos observar que este processo está diretamente ligado à forma de como as mídias e a tecnologia relacionam-se com a concepção humana de constituição do corpo. Entregando ao mundo consumista a construção de uma realidade que, mesmo sem promover prazer aparente, leva aos seres a facilidade de conviver em uma forma já imposta, estes meios de comunicação inserem o sujeito no ciclo da moda, por oferecer a solução para a busca da captura do olhar do outro. Dentro desta nova dinâmica de construção da identidade, podemos dizer que o sujeito é levado a uma instabilidade, onde é desestruturado, desconstruído. Sobre este fenômeno escreve-se:

É verdade que essas mudanças implicam a conquista de uma flexibilidade para adaptar-se ao mercado em sua lógica de pulverização e globalização; uma abertura para o tão propalado novo: novos produtos, novas tecnologias, novos paradigmas, novos hábitos etc. Mas isso nada tem a ver com flexibilidade para navegar ao vento dos acontecimentos- transformações das cartografias de forças que esvaziam de sentido as figuras vigentes lançam as subjetividades no estranho e forçam-nas a reconfigurar-se.(LINS,2002,p.21)

Esta relação de poder, presente nos grupos sociais, não faz-se apenas no campo teórico ou no movimento do campo das ideias do ser; esta nova forma de subjetivar cristaliza-se no corpo, na busca pela anestesia do ser que está constantemente sendo olhado. O *diet/light* incorpora a linha de domínio por onde o corpo é mais colocado como parte de um processo de controle. Essa anestesia faz com que o outro seja uma extensão do corpo próprio. Passa a parecer ao ser que o próprio não o basta, que a qualquer momento pode vir a faltar, necessitando de uma “prótese” para suprir a necessidade que este possa vir a promover. (Lins, 2002)

Na moda, podemos encontrar indícios desta relação, onde o vestir caracteriza-se como um indicativo de um grupo social ou de uma identidade. Sendo assim, comportar-se de acordo com o que é vendido pela mídia nos aponta para a passagem do instinto de sobrevivência para a realização da necessidade de constituir-se como sujeito, com base no olhar do outro, buscando formar a identidade que foi perdida. As pessoas são impressionadas por este modo de viver por um movimento de identificação com um determinado grupo.

Um grupo impressiona um indivíduo como sendo um poder ilimitado e um perigo insuperável. Momentaneamente, ele substitui toda a sociedade humana, que é a detentora da autoridade, cujos castigos o indivíduo teme e em cujo benefício se submeteu a tantas inibições. É-lhe claramente perigoso colocar-se em oposição a ele, e será mais seguro seguir o exemplo dos que o cercam, e talvez mesmo 'caçar com a matilha'.(FREUD,1921, p.91)

A este fator, podemos relacionar também os movimentos realizados pelos instintos. Estes direcionam-se para determinadas áreas do corpo com a finalidade de promover o prazer e a realização das pulsões. O ponto de encontro entre estes conceitos teóricos e a temática que estamos a abordar (a moda) é o fato de que estes instintos podem ligar-se ao binarismo atividade-passividade, quando levamos em consideração o olhar. (FREUD, 1915, p.67) Busca-se a constituição do ser por meio do olhar que o outro lança, nos demonstrando também que a moda é a linguagem pelo qual o indivíduo expressa as suas necessidades e coloca ao outro a forma de organização da realidade que o Eu interpreta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir destes aspectos estudados, podemos compreender que a moda é um processo pelo qual o sujeito busca subjetivar-se, refazendo, através do olhar do outro, a identidade que parece estar perdida. Não podemos esquecer de que a roupa apresenta-se a nós como uma característica do ser dotado por linguagem, onde, por meio dela, expressa as relações objetais e instituais presentes na dinâmica psíquica.

Sublinhamos também que as formas de manifestação das tentativas de capturar o olhar do outro aparecem impregnadas pela influencia da mídia. Os modos de subjetivação do ser são desestruturadas e o sujeito jogado em um abismo identitário, onde a forma apresentada para a solução deste rompimento é o uso de personalidades fabricadas e vendidas pelo sistema midiático.

Sem o intuito de finalizar as discussões sobre o tema, finalizamos este esforço de compreensão desta temática reforçando a necessidade de estudos relacionados à constituição da moda como objeto de expressão do psiquismo humano, sendo uma forma de linguagem, com intercessões com conceitos como os instintos e o narcisismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lorena B.M.; SILVA, Raquel S.G.; SANTOS, Roberta C.M. **Um olhar sobre corpo e moda em psicanálise**. Psicologia, 2006, p.1-25.

ARIËS, phillipe. DUBY, Georges. **História da vida privada: do feudalismo ao renascimento**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, v. 2, 1º ed.

ARIËS, phillipe. DUBY, Georges. **História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, v. 5, 1º ed.

DEL PRIORE, Mary. **História íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo, Planeta, 2014, 2º ed.

FLUGEL, John Carl. **Sobre o valor afetivo das roupas**. São Paulo, psyché, n.22, ano XII ,jan.-jun. 2008, p.13-26.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015, 2º edição, p.297-317;143-170.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**. In- Obras completas. Companhia das Letras, São Paulo, 2010, v.12, p. 13-50.

FREUD, Sigmund. **Os instintos e seus destinos**. In- Obras completas. Companhia das Letras, São Paulo, 2010, v.12, p. 51-81.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. In- Edição Standard Brasileira. Imago, São Paulo, 2000, v.18, p. 13-137.

LINS, Daniel. **Saberes nômades**. Campinas-SP, Papyrus, 2002, p.19-32.

LOPES, Michelle A.P. **Da moda do corpo ao corpo da moda: descontinuidades descursivas sobre o sujeito “gordo”**. São Paulo, V colóquio da ALED, Universidade Federal de São Carlos, 29-31 de maio de 2014.

QUINTELA, Hugo Felipe. **A segunda pele:** a linguagem das roupas, seus signos e a configuração da identidade social através do vestuário. Espírito Santo, UFES, p. 1-25.

WINOGRAD, Monah. MENDES, Larissa da costa. **Qual o corpo para a psicanálise? Breve ensaio sobre o problema do corpo na obra de Freud.** Rio de Janeiro, Psicologia: teoria e prática, n.11, v.2, 2009, p.211-223.